



João Menéres de Castro Campos era o filho primogénito de João José de Campos Sampaio e sua Esposa Dona Lucília Menéres de Castro Campos. Nasceu em 8 de Janeiro de 1912, no Rio de Janeiro, onde ao tempo seu pai exercia a actividade comercial como sócio da firma Sampaio, Avelino & Companhia, uma das mais importantes da capital brasileira. O casal teve mais dois filhos, Manuel e Lucília.

Tinha cerca de um ano de idade quando veio para Vila Real, passando a viver na Vila Campos, na Quinta da Pedra da Escada (Cruz da Timpeira), propriedade do pai. Em Vila Real fez os estudos primários (possivelmente na Escola do Trem), assim como os secundários, no então chamado Liceu Central de Camilo Castelo Branco, de cuja Academia foi presidente nos anos lectivos de 1929-1930, 1930-1931 e 1931-1932. Em 1932 encontra-se em Coimbra, a estudar na Faculdade de Direito, onde conclui o 4.º ano. O casamento em 11 de Setembro de 1935 com Dona Elvira Barbosa Menéres Campos – de quem teve cinco filhos: Lucília, Maria Guilhermina, Maria Antónia, João Paulo e Maria Manuela – perturbou de algum modo a sua vida académica. Veio a terminar o curso na Faculdade de Direito de Lisboa, em regime de voluntariado (o que em Coimbra não era possível, à época).

Foi em Coimbra que João Campos se revelou como poeta. A partir do Outono de 1932, começou a frequentar a tertúlia da Pastelaria Central, onde se reuniam os jovens escritores que viriam a constituir a segunda geração modernista.

Ao mesmo tempo que se dedica à criação poética (a poesia foi sempre uma das suas grandes paixões), vai-se operando nele uma acentuada mudança de pensamento político e social. Tinha abraçado a princípio ideias monárquicas e conservadoras, tendo-se inclusivamente ligado, nos últimos anos do Liceu e ainda durante os primeiros anos de Faculdade, ao Movimento do Nacional-





Sindicalismo, lançado e dirigido por Francisco Rolão Preto, movimento esse em que são reconhecíveis traços do fascismo italiano e do nacional-socialismo germânico e que tinha um considerável poder de atracção sobre a juventude.

Mais tarde, já fora da Universidade, torna-se republicano, iniciando um percurso político e cívico que o manteria atento à realidade social e política do país e o levaria a assumir-se contra o regime de Salazar. Como advogado, especializado embora em questões de direito comercial, direito de família e direitos reais, defende diversos opositores do regime nos famigerados Tribunais Plenários. Assina muitas das cartas e manifestos em que a época foi fértil. Faz parte da comissão de candidatura do General Humberto Delgado à presidência da República, em 1958. Radicado no Porto, mantém ao longo do resto da vida a fidelidade aos ideais republicanos, alimentados pela cumplicidade com os seus companheiros de tertúlia dos cafés A Brasileira e Primus e com os colegas do escritório de advogados, em particular com Artur Santos Silva, a quem o ligavam fortes laços de amizade e cuja oração fúnebre preferirá. (Esta oração foi publicada em folheto, sob o título Adeus ao Artur, em 8 de Junho de 1980.)

Como vimos, após a licenciatura em Direito, João Campos abraça a advocacia no Porto, onde estabelece residência. Não obstante, manteve sempre uma ligação afectiva muito forte a Vila Real e valorizava intensamente as suas origens vila-realenses. «Tenho-te aqui, na minha alma, / como uma coisa presente», dirá no poema “Balada de Vila Real”, publicado na Ordem Nova. Aproveitava todos os momentos de férias e fins-de-semana para vir até à sua Casa do Campo, no Prado, Borbela, cujo restauro concluíra em 1947. Aí gostava de receber os amigos e os companheiros da Presença, como José Régio, Alberto de Serpa e Miguel Torga, e também António Ramos de Almeida, discípulo em Coimbra, e o actor e declamador João Villaret. A casa do Prado está cheia de memorabilia dessas visitas: fotografias, desenhos, autógrafos, poemas e outros testemunhos, como um quadro oferecido por João Villaret. João Campos era como que um traço de união entre esses amigos, que a ele recorriam nas mais diversas circunstâncias. Em 1960, quando se perfila a hipótese de o Prémio Nobel ser atribuído a um escritor português (Aquilino, Torga ou, com menos apoios e cedo descartado, Ferreira de Castro), João Campos apoia publicamente a candidatura de Miguel Torga.

Olhando agora mais de perto a sua actividade literária, podemos dizer que se iniciou em 1929, quando estudante do Liceu. Nessa altura colaborou no *Vilarealense*, na secção “De capa e batina”. Já no 2º ano de Direito, envia colaboração regular para o *Notícias de Vila Real*, onde publica poesia e ficção, assinando Menéres Campos e apresentando alguns poemas como destinados a serem incluídos em livros futuros: *Totalidade* e *A Vida chama por nós*, que



não chegam nunca a ser publicados. Outro tanto acontecerá de resto com *Eça de Queirós – O Sentido Eterno e Universalista da Sua Obra* e com *Bússola – Poemas*, anunciados num dos livros das Edições Presença.

Em 1939 inicia a colaboração na *Ordem Nova*, órgão da União Nacional no distrito de Vila Real, com poemas e uma secção intitulada “Notas Semanais”, artigos sobre literatura, arte e cultura em geral. Dessa época é de recordar uma polémica algo violenta que manteve com Nio (pseudónimo de António Correia de Matos, administrador de *O Vilarealense* e irmão de Heitor Correia de Matos, director do mesmo), que respondia no seu jornal. Essa polémica travou-se a propósito de duas conferências proferidas por Arnaldo Ressano Garcia na Sociedade Nacional de Belas Artes, de Lisboa, e repetidas depois no Porto, em que atacava a arte moderna e que geraram grande efervescência no mundo artístico. João Campos revela nesta pendência com Nio, para além da sua cultura artística, apreciáveis qualidades de polemista.

(É que – faceta talvez menos conhecida – João Campos tinha vastos conhecimentos sobre pintura e desenvolveu actividade considerável no campo da divulgação artística. Foi por exemplo co-responsável, com o arquitecto Fernando Lanhas e com o poeta Alberto de Serpa, pela divulgação da figura e da obra do pintor Dominguez Alvarez (1906-1942), através de uma exposição retrospectiva realizada em 1951, no Ateneu Comercial do Porto. Em Vila Real proferiu em 11 de Junho de 1950 uma conferência intitulada “Arte”, por ocasião do Primeiro Salão de Pintura e Escultura, integrado nas Festas da Cidade.)

Mas o mais importante da actividade literária de João Campos joga-se no âmbito da revista *Presença*, de Coimbra, a cujo grupo pertenceu, ao lado de José Régio, Branquinho da Fonseca, Miguel Torga, Fausto José, Alberto de Serpa, Adolfo Casais Monteiro e outros. No último número da I série da revista (Novembro de 1938), publica o poema “Mar Vivo”, dedicado a Jorge Amado, escritor sobre quem fará, em 3 de Maio de 1946, uma conferência no Ateneu Comercial do Porto intitulada “Os romances de Jorge Amado”, em sessão em que participaram também o poeta e declamador Vasco de Lima Couto e o escritor e jornalista Hugo Rocha. E foi nas Edições Presença que foram publicados os seus dois únicos livros de poesia, ambos em 1939: *Mar Vivo* e *Viagem Fora do Mundo*.

Mar vivo, cuja tiragem se limitou a 265 exemplares (o que explica a sua raridade), está dividido em duas secções, “6 poemas do mar” e “Outros poemas”. Na primeira, é perceptível a influência de Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, cuja “Ode Marítima”, com a sua nostalgia e o seu apelo do longínquo e do desconhecido, e o seu gosto pelas longas enumerações, à Walt Whitman, ecoa no poema “Mar vivo”. A segunda secção concentra-se mais, à



boa maneira presencista, no mundo interior, com relevo para a solidão, a insatisfação, a frustração de ideais, o vago pressentimento de destinos incomuns, os dissabores sentimentais, as paisagens urbanas hostis. Viagem fora do mundo, prolonga esta linha de força, dando no entanto um discreto mas insistente lugar à rima, menos frequente no primeiro livro, e usando uma linguagem mais contida. Em ambos os livros está presente um toque de modernidade que aliás custou ao Autor algumas críticas menos favoráveis nos jornais e em cartas.

Causa alguma perplexidade o facto de, nos últimos dois terços da sua vida, João Campos não ter publicado mais nenhum livro. Decerto que a profissão de advogado, a que se entregava intensamente, poderá explicar em parte este silêncio. Mas sabemos que anunciou por várias vezes, quer na publicação de poemas em jornais e revistas, quer num entrevista de 1943 a O Primeiro de Janeiro, que tinha pronto para publicação um original intitulado A vida chama por nós, que só ainda não saíra a público por dificuldade em encontrar o papel adequado. O certo é que a voz poética de João Campos silenciou-se depois de 1939, salvo poemas ocasionais nesta ou naquela publicação, nesta ou naquela circunstância, não obstante os instantes incitamentos dos seus amigos poetas (especialmente Alberto de Serpa e Miguel Torga) para que escrevesse e publicasse poesia. Esta secura de produção era todavia de alguma forma contrabalançada pela relativa frequência com que era chamado a proferir discursos e conferências.

João Campos faleceu no Porto, em 29 de Novembro de 1988, e está sepultado em jazigo de família no Cemitério de São Dinis, em Vila Real.

MÚSICA NEGRA

A ARTUR DOS SANTOS SILVA





O lereiro diz o nome da cidade deserta.
O luar cai como um perfume entornado na noite.
Os corpos estão estendidos nas ruas abandonadas,
na serena segurança da morte que veio.
Os soldados embebedam-se nas tabernas saqueadas.
Reluz o aço das baionetas abandonadas no chão.
Os meninos pasmam no terror dos aviões que passam
e já não têm mal-me-querer para desfolhar
nem sonhos a que se dêem com impossível impulso.
As mulheres choram todos os mortos desenterrados
e temem a brutalidade dos soldados embriagados,
rentes aos portais desertos, olhados tranquilamente
pela mais bela lua que, jamais, passeou o céu.
As bandeiras flutuam, ao luar, com a serenidade própria de símbolos.
– Porque não mandas, Senhor, o tal dia
Em que os homens, tão sinceramente irmãos,
tornem impossíveis todas as guerras, todas as cidades desertas,
todos os meninos que não desfolhem mal-me-querer,
todos os mortos por sepultar,
todas as mulheres tremendo da brutalidade dos soldados embriagados?

João Campos, Mar vivo. – Edições «Presença», 1939

